

As Diferentes Formas Do Amor E Da Representação Feminina Na Poesia De Florbela Espanca

THE DIFERENT FORMS OF LOVE AND THE WOMEN REPRESENTATION IN FLORBELA ESPANCA POETRY

Rita de Cássia Lamino de Araújo **RODRIGUES**¹

Resumo: Florbela Espanca, considerada uma das maiores vozes femininas da literatura portuguesa, apresenta como tema central de sua poesia o amor. Este artigo tem por objetivo comentar os poemas “Amar!”, um dos mais representativos na maneira da poetisa vivenciar o amor; seguido pelos poemas “Inconstância”, “Ambiciosa”, “Fanatismo” e “Escrava” de modo a verificar como se estabelece as visões diferentes do amor e da mulher.

Palavras-chave: Florbela Espanca. Amor. Poesia feminina.

Abstract: Florbela Espanca, considered one of the greatest female voices in the Portuguese literature, presents love as the central theme of her poetry. This article aims to comment the poems “Amar!”, one of the most representative poems in the way of experiencing love, followed by other ones, such as “Inconstância”, “Ambiciosa”, “Fanatismo” and “Escrava” in order to verify how the different views of love and the women are established.

Keywords: Florbela Espanca. Love. Women's literature.

Introdução

Considerada, hoje, uma das figuras femininas mais importantes da Literatura Portuguesa, Florbela Espanca, a princípio, foi apreciada apenas como mais uma poetisa de salão, como é possível depreender da manifestação dos jornais, por motivo da publicação das suas primeiras obras. O jornal *O Azeitonense* acreditava ser *O Livro das Mágoas*, publicado em 1919, um “[...] Missal de Amargura, que a nossa alma compreende, sente e partilha, subindo numa ascensão maravilhosa em que suavíssimos cânticos nos envolvem” (DAL FARRA, 1999, p. 9 -10) Do mesmo modo, como destaca Dal Farra (1999, p. 9), o jornal *Correio da Manhã* ao cumprimentar Florbela Espanca, assim se expressou: “parabenizamos alegremente, ‘o contingente de senhoras’

¹ Doutoranda em Letras - Literatura Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista – UNESP (2011). Professora colaboradora na área de Literatura Portuguesa e Teoria Literária no Centro de Letras, Comunicação e Artes na Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP campus de Jacarezinho. Participa do grupo de pesquisa Literatura e Ensino (UENP – Jacarezinho) onde estuda temas voltados para a crônica portuguesa no final do século XIX e início do século XX e o ensino da crônica em sala de aula. Endereço eletrônico: ritalamino@hotmail.com

poetisas, que ‘cresce dia a dia’, aclamando-as e considerando serem sempre ‘bem vindas quando como esta saibam versejar!’”.

Posteriormente, sua segunda obra *O Livro de Soror Saudade*, em 1923, foi recebida por parte da crítica como livro de “ternura e bondade, um pouco dolorosa, talvez impregnada de uma tristeza e renúncia” como anunciou o jornal *Século da Noite*. Por outro lado, uma parte da crítica mostrou-se indignada com a temática da obra, classificando-a como imoral e contra os bons costumes da sociedade portuguesa. Conforme afirma Dal Farra (1999, p. 11):

O jornal lisboeta católico *A Época*, acusava o *Livro Sórora Saudade* de “revoltantemente pagão” e “digno de ser recitado em honra da Vênus Impudica”! “Florabela “blasfema”, tem atitudes de “requintada voluptuosidade”, de típica “escrava de harém”, porque nem sequer chegou a descobrir o tesouro escondido no Evangelho”! Era preciso, pois, infringir a ela que purificasse, com “carvão ardente”, “os lábios literariamente manchados”, e que pedisse “perdão” a Deus por ter feito “mau emprego” das aptidões com que o Criador a galardeara [...] ‘Com pesar afirmo que é um livro mau o seu, um livro desmoralizador’.

Esse ataque ferrenho da crítica à obra de Florbela Espanca apresenta-se devido ao fato de a poetisa apropriar-se de um discurso propriamente masculino – a vassalagem amorosa –, para expressar os íntimos sentimentos e sensações de uma mulher apaixonada, afastando-se do padrão de passividade ligado à maioria das mulheres e aceitável pela sociedade. De acordo com Cleonice Silva (2003, p. 124), Florbela Espanca introduz em seus poemas “a descrição detalhada do desejo e do prazer femininos como sujeito, e não mais como objeto, atitude essa que feria diretamente os preceitos básicos da sociedade burguesa cristã”. Nesse sentido, há na poesia dessa autora uma inversão de papéis, pois, como poetisa, teve a ousadia de fazer declarações amorosas e sensuais que eram esperadas de um homem a uma mulher e não o contrário. Isso se deve ao fato de, na cultura tradicional, o relacionamento amoroso ser conduzido pelo homem, é a ele que se atribui o papel de sedutor e condutor, sendo destinado à mulher o papel de ser dócil, passivo e submisso.

Seguindo a mesma linha de pensamento Zina Bellodi Silva (1987, p. 204) sugere que a obra de Florbela Espanca deixa transparecer a figura da mulher amante, pois ao assumir as qualidades da mulher que se faz “atraente, que deseja fazer-se bela e sedutora para conquistar o ser amado, uma mulher que tem capacidade para discutir e viver o amor em suas diferentes modalidades”, a poetisa rompe com o papel de passividade e submissão atribuído à mulher.

José Régio (1981, p. 20) menciona ser Florbela Espanca “poeta do amor, como tantos outros poetas portugueses, mas muito particular poeta do amor” devido ao fato de confessar-se cega de amor, mas, sobretudo, por suas atitudes de insatisfação e insaciabilidade amorosas; da

mesma maneira, Agustina Bessa Luís (1979, p. 39), comentando sobre a presença desse sentimento na obra da poetisa, diz ser “o amor em Florbela o delírio da discordância”. Seguindo essa mesma linha de pensamento, Zina Bellodi Silva (1987, p. 248), afirma que:

O amor, em Florbela Espanca, passa por gradações diversas quanto ao modo de realização que vão desde a exploração do amor fraterno até a possibilidade de entrega total e incondicional a ele, passando pela caracterização da capacidade de doação desinteressada, de ser o amante aquele ser de recepção, por exemplo. Em oposição à possibilidade de entrega total e absoluta Florbela coloca a incapacidade para o amor, a impossibilidade de amar.

Nesse sentido, Bellodi Silva (1987, p. 186), ainda propõe que as expectativas em relação ao amor em Florbela Espanca podem ser entendidas sob duas maneiras: ora a poetisa idealiza um amor perfeito e utópico esperando do objeto amado algo que está além de suas condições como ser humano e terreno, como ocorre em seu poema “Inconstância” e “Ambiciosa”; ora, em contrapartida, a poetisa submete-se a esse amor numa entrega total e incondicional projetando na vida junto ao homem amado a única possibilidade de ser realmente feliz, como é o caso dos poemas “Fanatismo” e “Escrava”.

A leitura atenta dos sonetos citados acima depreende, também, dois modos de representação do eu lírico feminino. Os poemas “Inconstância” e “Ambiciosa”, que demonstram a incapacidade de amar, revelam uma mulher aparentemente mais forte e senhora da situação; por sua vez, os poemas “Escrava” e “Fanatismo”, que apresentam uma entrega amorosa total e amor incondicional, revelam uma mulher submissa e dependente do amor masculino. Em vista disso, este artigo pretende fazer, primeiramente, uma análise do poema “Amar”, considerado o mais representativo entre os que revelam a maneira da poetisa vivenciar o amor, seguida do estudo dos quatro sonetos descritos, tentando demonstrar como dialogam e apresentam visões diferentes do amor e da mulher.

A eterna busca pelo amor

Como vimos, o amor é a temática principal da poesia de Florbela Espanca. Há em sua poesia uma busca constante por esse sentimento, porém de uma maneira muito particular e narcísica, pois, mais do que amar o outro, o eu lírico necessita ser amado de maneira incondicional. Assim, de acordo com Zina Bellodi Silva (1987, p. 241), “em Florbela o amor é colocado em um plano que mostra, mais do que querer bem para o outro, o outro não correspondendo aos seus anseios”. Desta forma, seus poemas apresentam uma busca incansável pelo amor, porém, como essa procura não é satisfeita, ocorre frustração e sofrimento. “Para ela,

portanto, o amor não é o querer para o outro aquilo que se supõe serem bens, mas sim, o querer algo para si, em proporções além dos limites humanos e isso não é possível, não é humano e não se realiza levando à insatisfação” (SILVA, 1987 p. 241). Tal descontentamento e impossibilidade de satisfazer-se plenamente através de um único amor é demonstrada de maneira plena no poema “Amar”.

Presente no livro *Charneca em Flor* (1931), considerado a obra prima de Florbela Espanca, uma vez que apresenta a figura feminina em uma posição ativa diante do amado, o poema “Amar!” apresenta a volubilidade do amor feminino:

Eu quero amar, amar perdidamente!
 Amar só por amar: Aqui... além...
 Mais Este e Aquele, o Outro e toda a gente...
 Amar! Amar! E não amar ninguém!

Recordar? Esquecer? Indiferente!...
 Prender ou desprender? É mal? É bem?
 Quem disser que se pode amar alguém
 Durante a vida inteira é porque mente!

Há uma primavera em cada vida:
 É preciso cantá-la assim florida,
 Pois se Deus nos deu voz, foi pra cantar!

E se um dia hei de ser pó, cinza e nada
 Que seja a minha noite uma alvorada,
 Que me saiba perder... pra me encontrar...

A primeira estrofe do poema dedica-se a demonstrar o firme desejo do eu lírico de amar, numa frenética busca pelo amor. Logo no primeiro verso, temos uma mulher assegurando que deseja amar: “Eu quero amar, amar perdidamente!”, porém, para ela não basta apenas amar, ela deseja amar perdidamente, numa atitude dúbia que pode ser tanto entendida como amar de uma maneira sobre-humana, incondicional, numa entrega total a esse sentimento e a pessoa amada, quanto o desejo de buscar e vivenciar o amor de uma maneira livre das regras impostas pela sociedade até se encontrar o amor realmente esperado.

No segundo verso “Amar só por amar: Aqui... além...” presencia-se uma mulher ansiosa por viver momentos intensos de amor, os advérbios de lugar “aqui” e “além” mostram uma busca desesperada e devotada: chega-se a um amor, que se supõe ideal, entrega-se a ele, porém, o objeto de amor não corresponde aos seus anseios, não sendo, portanto, capaz de saciá-la, parte-se, então, para “além”, em uma constante peregrinação à procura de amores que a satisfaçam, porém, esses não são duradouros, mas momentâneos.

Tal atitude se comprova no terceiro verso da estrofe, “Mais Este, e Aquele, o Outro e toda a gente”, os pronomes demonstrativos iniciados em letra maiúscula mostram que a poetisa encontrou-se com vários amados até culminar na expressão hiperbólica “toda a gente”, evidenciando o desconcerto entre o que se espera e o que é encontrado acarretando a recusa em pertencer a um único amor, num impulso incontrolável de amar, demonstrado pela repetição do verbo “amar”, (sete vezes), em especial no último verso “amar, amar e não amar ninguém”.

O fato de não ser correspondida com um sentimento à altura do que se deseja desperta no eu lírico o sentimento da indiferença. A expressão “Amar! E não amar ninguém!” nos leva a crer que por não ser correspondida a altura, há o desprezo do objeto amado, tornando-o apenas mais um entre tantos; “um ninguém” pode ser entendido como alguém que passou por sua vida, mas que não deixou marcas.

O desapego e a indiferença são confirmados na segunda estrofe do poema através das interrogações antitéticas “Recordar?” “Esquecer?” “Prender ou desprender?” “É mal?” “É bem?”, acompanhadas pela expressão “Indiferente!”, que demonstram a instabilidade do eu lírico feminino quanto ao seu sentimento e, também, o seu desapego às lembranças de um amor que não deu certo de modo a evitar sofrimentos.

Os dois últimos versos dessa estrofe apresentam uma resposta dura e categórica para tais questões: “Quem disser que se pode amar alguém / Durante a vida inteira é porque mente!”. Essa afirmativa se apresenta como uma tentativa de demonstrar o caráter fugaz e efêmero do amor, o que justificaria a volubilidade do eu lírico diante desse sentimento. Nesse sentido, percebe-se a sua necessidade em direcionar o poema, que, até então, estava condicionado para o “eu”, para o “outro”. A questão que antes estava sendo focalizada como algo individual transforma-se em algo inerente ao ser humano. O eu lírico comporta-se como tal, não apenas por querer, mas porque esta é uma característica humana, é impossível para todos satisfazerem-se plenamente, com um único amor. Assim, percebe-se uma tentativa de justificar essa recusa por um sentimento que dure para sempre; tentativa essa que se intensifica nos dois últimos tercetos do soneto.

O eu lírico afirma que “Há uma primavera em cada vida”, a imagem da primavera remete à juventude, momento em que o ser humano está mais propício a entregar-se à várias paixões na tentativa de encontrar seu verdadeiro amor. O verso seguinte, “É preciso cantá-la assim florida”, apresenta a necessidade de vivenciar esse momento de alegria através do verbo cantar, no sentido de aproveitar, desfrutar desse período, uma vez que ele é passageiro. Por isso, a “primavera” deve ser aproveitada assim “florida”, ou seja, enquanto há juventude e disposição. No último verso

recorre-se ainda à figura divina, “Deus”, colocando-o como convivente, uma vez que dá condições para essa busca constante: “Pois, se Deus nos deu voz foi para cantar”.

Por fim, na terceira estrofe o eu lírico recorre à constatação de que tudo na vida é passageiro e de que a vida é efêmera. Para justificar a necessidade de aproveitar o momento da juventude, que agora ela classifica como “alvorada”, em busca do amor ideal. Nos últimos dois versos, “Que seja a minha noite uma alvorada/ Que me saiba perder pra me encontrar...” temos a síntese do pensamento do eu lírico através das antíteses noite/alvorada, perder/encontrar, assim a “noite” e o “saber perder-se” pode significar o sofrimento por desprender-se de um amor que não corresponde mais ao que se idealizou, por sua vez, essa separação possibilita uma nova esperança, ou seja, a possibilidade de estar disponível a um novo encontro, um novo amor que surgirá como a alvorada e que, a princípio poderá sanar as expectativas do eu lírico.

Desta forma, o poema “Amar!” apresenta uma temática importante na poesia de Florbela Espanca: a impossibilidade de achar satisfação no amor. Depreende-se, então, da leitura desse soneto, a presença de um sujeito feminino que não se abate e nem se inibe em expressar seus sentimentos, colocando-se em uma posição ativa diante do objeto amado. Embora os desencontros amorosos causem, a princípio, sofrimento, isso não impede que o eu lírico recupere as forças e saia em busca de um novo amado. Quando encontra um amor submete-se a ele numa entrega total e submissa amando-o perdidamente, por sua vez, passado um tempo, a chama desse amor apaga-se. Então, corajosamente, o eu lírico assume-se como uma mulher instável e ambiciosa e sai à procura de um novo amor. Para cada momento do amor uma diferente personalidade feminina.

O amor e a mulher como senhora do seu sentimento

No soneto “Inconstância”, presente no *Livro de Soror Saudade* (1923), o eu lírico apresenta-se como uma mulher incapaz de viver um único amor devido à sua exigência de um amor perfeito, sobre-humano. Nele é possível perceber um eu lírico feminino que não se inibe em demonstrar sua inconstância, porém o faz de um modo melancólico evidenciando seu sofrimento devido à impossibilidade de amar:

Procurei o amor, que me mentiu.
Pedi à Vida mais do que ela dava.
Eterna sonhadora edificava
Meu castelo de luz que me caiu!

E tanto clarão nas trevas refulgiu,

E tanto beijo a boca me queimava!
 E era o sol que os longes deslumbrava
 Igual a tanto sol que me fugiu!

Passsei a vida a amar e a esquecer...
 Atrás do sol dum dia outro a esquecer
 As brumas dos atalhos por onde ando...

E esse amor que assim me vai fugindo
 É igual a outro amor que vai surgindo,
 Que há de partir também... nem eu sei quando...

Na primeira estrofe do soneto, observamos um eu lírico feminino decepcionado, pois fantasiou um amor ideal, mas deparou-se com o amor real que não condizia às suas expectativas.

O primeiro verso, “Procurei o amor que me mentiu”, evidencia essa desilusão, uma vez que o amor real contradiz o sentimento que se imaginou acarretando em uma constatação dolorosa e dramática, comprovada pelo segundo verso: “Pedi à Vida mais do que ela dava” e também pela expressão “Eterna sonhadora”. A imagem do castelo de luz a ruir revela a desilusão por não encontrar o que se almejava, e sim uma realidade amorosa dolorosa.

Na segunda estrofe, é demonstrado o estado de espírito do eu lírico no início da descoberta do amor. O primeiro verso, “Tanto clarão nas trevas refulgiu”, demonstra a saída de um estado de tristeza, “trevas”, para o de alegria e evidencia a felicidade por ter encontrado o amor e, além disso, a esperança de que ele seja condizente com o que se anseia. Diante dessa possibilidade, o eu lírico entrega-se num desejo ardente de realização desse amor comparando o homem amado ao sol.

Essa identificação do amado–amante com o sol mostra que o eu lírico, a princípio, ilude-se achando que encontrou o homem-deus a quem tanto procurava. No entanto, o mesmo sol que é fonte de calor e alegria pode queimar e matar gerando decepção e sofrimento. Assim, nos dois últimos versos; “Era o sol que os longe deslumbrava / Igual a tanto sol que me fugiu”, demonstra sua tomada de consciência através da comparação do relacionamento amoroso ao ciclo solar. Do mesmo modo que o astro-rei aparece no início do dia, dono de grandiosa energia que, durante seu percurso, vai dissipando-se, até apagar-se ao final da tarde, o amor, também, aos poucos, se esgota. Desta forma, encontra-se o homem amado, usufrui-se de toda sua potencialidade e, quando se percebe que ele é incapaz de sanar seus desejos, deixa-o e parte em direção a um novo amor. Essa atitude de desapego do eu lírico se confirma no verso antitético “Passsei a vida a amar e esquecer”, e no verso “Atrás do sol dum dia outro a esquecer”.

O último terceto reforça a ideia de impossibilidade de se prender a um único amor, comprovando sua volubilidade amorosa através dos versos antitéticos, “E esse amor que assim

me vai partindo / É igual a outro que vem surgindo”, mostrando que a busca pelo amor, a esperança de sua plena realização e, depois, o seu esquecimento é algo contínuo que faz parte da vida; o amor de hoje, logo que terminado, será substituído por outro que terá o mesmo destino, pois nenhum deles será capaz de superar as expectativas do eu lírico diante do amor.

Assim, da leitura desse soneto depreende-se uma mulher que, embora a princípio sofra com a insatisfação amorosa, reconhece-se como ser superior ao homem encontrado e, por isso, vive a amar e esquecer na tentativa de um dia encontrar alguém que corresponda as suas expectativas.

José Régio (1981, p. 24) observa nessa insatisfação, representada pela busca constante pelo amor ideal, um caráter cíclico: “espera do amante-amado; encontros com vários amados; sentimento do desencontro; negação do amor único e do grande amor; entrega ao *amar só por amar*, com recusa de pertencer a alguém; total decepção do amor dos homens; apelo para um Deus que não virá”.

Como vimos no poema acima, o eu poético feminino assume uma postura ativa diante da iniciativa e relação amorosa. A inconstância no amor torna-se fruto do desejo de encontrar um amor extraterreno, um ser amado que apresente qualidades acima das oferecidas por um homem comum, portanto, um homem-deus. A impossibilidade de alcançar tais anseios gera frustrações, dor e sofrimento; o eu lírico apresenta-se como uma mulher infeliz devido ao fato de não se realizar na relação amorosa. No entanto, há poemas em que, para disfarçar essa infelicidade, estabelece-se um jogo de poder, no qual o sujeito feminino se coloca em uma posição superior ao homem, é o caso do soneto “Ambiciosa”, presente no livro *Charneca em flor*.

Para aqueles fantasmas que passaram,
Vagabundos a quem jurei amar,
Nunca os meus braços lânguidos traçaram
O voo dum gesto para os alcançar...

Se as minhas mãos em garra se cravaram
Sobre um amor em sangue a palpitar ...
Quantas panteras bárbaras mataram
Só pelo raro gosto de matar!

Minh' alma é como a pedra funerária
Erguida na montanha solitária
Interrogando a vibração dos céus!

O amor dum homem? Terra tão pisada,
Gota de chuva ao vento baloiçada...
Um homem? Quando eu sonho o amor de um Deus! ...

Toda pessoa ambiciosa almeja algo que está além do que possui. A leitura desse soneto denota uma mulher extremamente insatisfeita com os amores que teve no passado, devido ao fato de reconhecer-se como ser superior.

Na primeira estrofe, depreende-se a visão que o sujeito poético feminino tem dos homens que amou, reduzindo-os a “fantasmas” e “vagabundos”, ou seja, homens desprovidos de qualidades merecedoras de seu amor. Devido a isso, os dois últimos versos do poema: “Nunca os meus braços lânguidos traçaram / O voo dum gesto para os alcançar...”, demonstram uma posição de quem não se esforça por alcançar e agradar os seus antigos amores. A expressão “braços lânguidos” adquire posição ambígua nesses versos podendo significar tanto fraqueza e desânimo, quanto voluptuosidade; no que se refere a esse último sentido pode-se depreender que nunca seus braços cheios de desejos se esforçaram plenamente por segurar e amar homens que não correspondiam a suas expectativas, apresentando, dessa forma, falsas promessas de amor.

Na segunda estrofe do poema depreende-se o jogo de sedução, o eu lírico feminino se compara a um animal predador em busca de sua presa. As mãos delicadas de mulher transformam-se em garras que cravam, ou seja, que deixam marcas e o eu lírico se compara a uma pantera, - felino grande, forte e ágil-, atributo que se intensifica pelo uso do adjetivo bárbaro. A expressão “do sangue a palpitar” depreende grande apelo visual e vislumbra um desejo sensual avassalador por conquistar o objeto de sedução. No entanto, seduz-se apenas pelo simples prazer de seduzir, assim como, a pantera mata apenas por matar. Tal atitude depreende certo sentimento narcísico do eu lírico em satisfazer-se sem importar-se com o outro, como será demonstrado na terceira estrofe.

Há nessa estrofe sentimentos exacerbados de autocontemplação e complacência. Primeiramente, a poetisa refere-se a si própria como uma “pedra funerária”, ser gélido, frio, sem vida e indiferente ao outro. Esse sentimento intensifica-se no segundo verso, “Erguida na montanha solitária”; se pensarmos que a montanha é o ponto de ligação entre a terra e o céu, e é a morada dos deuses, notabiliza-se a tentativa da mulher considerar-se uma “deusa” acima do restante da humanidade, por isso, está em busca de um amor divino.

Na última estrofe, tal hipótese se confirma através da frase interrogativa “O amor de um homem?” respondida por expressões como “terra tão pisada”, “gota de chuva”, “ao vento ao baloiçar”, que denotam sentimento corriqueiro, insignificante e instável, o que não condiz com suas expectativas em relação ao amor.

O último verso dessa estrofe, é considerado a chave de ouro do soneto e a síntese de toda a poesia de Florbela Espanca: “O amor dum homem? Quando eu sonho o amor de um deus?” Nele encontramos uma preocupação demasiada pela felicidade do “eu” e a resposta para todo o

seu sofrimento: é incapaz de amar porque não encontra nos homens terrenos os predicados que ambiciona, por sua vez surge a impossibilidade de vivenciar o amor porque está à procura de um homem deus. Assim, de acordo com Bellodi Silva (1987, p. 223), evidencia-se em Florbela Espanca uma “dor que é maior que as dos demais seres humanos, pois o seu amor é algo impossível de realizar-se porque procurando um deus ela só encontra um homem comum”.

Os poemas que analisamos até o momento, colocam-nos diante de um eu-poético feminino que corajosamente se submete à inversão de papéis, mostrando-se insatisfeito com os amores encontrados e assumindo atitudes de sedução e leviandade mais aceitáveis se advindas de um eu lírico masculino. Percebe-se nesses sonetos “um movimento crescente no qual o ser feminino vai assumindo uma importância cada vez maior na relação amorosa” (SILVA, 2003, p.188).

O poema “Inconstância” evidencia a figura da mulher que insatisfeita com o amor que encontra sai em busca de novas possibilidades amorosas, numa procura sofrida, mas audaciosa, mostrando ser não mais uma mulher submissa e passiva diante dos caprichos masculinos. Ademais, em “Ambiciosa”, percebe-se o prenúncio de uma tentativa de rebeldia feminina, pois o eu lírico reconhece-se como mulher, “senhora de si”, que reflete sobre os motivos de sua insatisfação, - a qualidade de ser ambiciosa -, e, portanto, deseja sempre mais do que pode ter; sendo o amor de um homem não suficiente, procura-se o amor de um deus, como é algo impossível de se realizar entra-se em um interminável ciclo de busca e decepções acarretando no eterno sofrimento.

O amor como forma de submissão feminina

Diferente do que vimos nos poemas comentados acima, alguns poemas de Florbela Espanca apresentam a figura feminina como ser submisso e escravo do amor masculino. Ainda assim, percebe-se uma coragem por parte da poetisa em exprimir os sentimentos de uma mulher numa atitude de deslocamento do papel feminino.

Devido a isso, em seu estudo sobre a poesia de Florbela Espanca, Maria Lúcia Dal Farra (1999, p. 29), aproxima a obra da poetisa à poesia trovadoresca da Idade Média, dizendo que a autora “altera a seu favor a cantiga d’amor, transformando, então, as prerrogativas masculinas em femininas, como a atualizar e a desmistificar, a partir da sua própria experiência de mulher, o verdadeiro agente da vassalagem”. Sabe-se que na cantiga de amor o eu lírico masculino presta serviço amoroso à mulher, exaltando-a e apresentando uma confissão dolorosa de sua

atormentada experiência passional perante a mulher. O mesmo ocorre na poesia de Florbela Espanca, no entanto, agora há uma inversão de papéis, não é mais o homem que suplica o amor da amada, mas, sim, a mulher que se rasteja aos pés do seu “senhor”. Alguns poemas que apresentam essa característica exibem a mulher como ser dócil, passivo e submisso à figura masculina. Entre eles destacam-se “Fanatismo”, presente no *Livro de Sóror Saudade* e “Escrava”, da obra póstuma *Reliquiae* (1931).

Em “Fanatismo”, como próprio título sugere, nos deparamos com uma figura feminina que assume uma posição acentuada de veneração e súplica ao homem amado:

Minh'alma, de sonhar-te, anda perdida.
Meus olhos andam cegos de te ver!
Não és sequer a razão do meu viver,
Pois que tu és já toda a minha vida !

Não vejo nada assim enlouquecida...
Passo no mundo, meu Amor, a ler
No misterioso livro do teu ser
A mesma história tantas vezes lida!

"Tudo no mundo é frágil, tudo passa..."
Quando me dizem isto, toda a graça
Duma boca divina fala em mim!

E, olhos postos em ti, digo de rastros:
"Ah! Podem voar mundos, morrer astros,
Que tu és como Deus: Princípio e Fim !..."

As duas primeiras estrofes do soneto dedicam-se a descrever o estado emocional do eu lírico feminino. Na primeira estrofe, a mulher confessa viver sonhando com a pessoa amada, o que faz com que ela se considere uma alma perdida, apresentando um sentimento de perturbação diante do grande amor que sente pelo amado. O verso “Meus olhos andam cegos de te ver” conota sua fascinação e obsessão pelo objeto amado, uma vez que, sua contemplação a faz esquecer todas as outras coisas. Tal sentimento se intensifica nos dois últimos versos, “Não és sequer a razão do meu viver/ Pois que tu és já toda a minha vida”. O homem amado é elevado de sua condição terrena ganhando faculdades que não são do campo humano; torna-se assim, algo que vai além do motivo da existência do eu lírico, pois ela não apenas vive para o amado, mais do que isso, se funde a ele anulando-se de modo a viver no amado em uma atitude de completo desespero e loucura. Diante dessa situação, nos deparamos com a figura de uma mulher fraca, ou seja, que não consegue se autodominar diante do amor, tornando-se escrava e dependente da figura masculina.

Na segunda estrofe, o ser amado é comparado a um livro, no qual ainda que se leia sempre a mesma história, a cada releitura há sempre algo novo a ser descoberto, ou seja, ainda que se esteja há tanto tempo com a mesma pessoa, há sempre algo novo a descobrir: “Passo no mundo, Meu Amor, a ler / no misterioso livro do seu ser/ a mesma história tantas vezes lida”. Por outro lado, pode-se denotar, também, a satisfação e o contentamento com esse amor, uma vez que já passou por tantos outros amores, “a mesma história tantas vezes lida!”, mas somente agora o amor se torna diferente e especial, visto que as descobertas no amado condizem com as suas expectativas. Em ambos os casos, temos, agora, uma mulher que se contenta com o amor encontrado.

Torna-se aqui, necessário abrir um parêntese para lembrar o soneto “Ambiciosa” e fazer uma comparação. Enquanto nele, a mulher colocava-se no alto de uma montanha, identificando-se como um ser superior para quem o amor de um homem era visto como algo corriqueiro, “terra pisada”, e insignificante “gota d’água”, aqui, a mulher se reconhece como ser inferior e dependente do homem que ela considera ser como Deus. Tal afirmativa se concretiza nas duas estrofes seguintes.

Primeiramente, há a introdução da fala de outro alguém que tenta conscientizar o eu lírico sobre a efemeridade do tempo, e, por consequência, do caráter fugaz do amor: “Tudo no mundo é frágil, tudo passa...” o uso das reticências deixa subtendido que o amor passa. No entanto, o eu lírico ri e contradiz tal afirmação numa atitude de confiança no amor e na pessoa amada. A expressão “toda a graça de uma boca divina fala em mim”, nos mostra que a mulher representada compara a autenticidade do que pronunciará a algo divino. Desta forma, assim como o que é dito por Deus não se pode contestar, o que ela pensa do amor e do ser amado, também, não deve ser contradito.

A revelação segue-se na última estrofe quando o sentimento obsessivo revelado nos primeiros versos do poema é levado às últimas consequências confirmando seu título, “Fanatismo”, através da atitude da persona poética “olhos postos em ti, digo de rastros: “Ah! Podem voar mundos morrer astros, / Que tu és como Deus: Princípio e Fim?”. Assim, apresentando um comportamento de contemplação, devoção e submissão, o eu lírico feminino rasteja-se aos pés do homem que a fascinou numa confissão desesperada bem ao estilo do romantismo, explicitando que nada que acontecer no mundo a afetará, devido ao fato de ela ter consagrado a sua vida ao homem amado, ao “Deus a quem tudo pertence e controla”. Há, então, no poema, a exaltação do celeste em detrimento do terreno, o homem amado é igualado a Deus a quem ela deve amor e subserviência.

Seguindo a mesma linha temática do poema “Fanatismo”, o poema “Escrava”, igualmente, apresenta uma mulher de comportamento submisso que faz da figura masculina seu próprio Deus, senhor e dono, tornando-se inteiramente subordinada a ele. No entanto, tem-se, uma mulher astuta, pois ainda que se sujeite ao ser masculino, joga com essa inferioridade, tentando mostrar que o outro também é dependente dela:

Ó meu Deus, ó meu dono, ó meu senhor,
Eu te saúdo, olhar do meu olhar,
Fala da minha boca a palpitar,
Gesto das minhas mãos tontas de amor!

Que te seja propício o astro e a flor,
Que a teus pés se incline a terra e o mar,
P'los séculos dos séculos sem par,
Ó meu Deus, ó meu dono, ó meu senhor!

Eu, doce e humilde escrava, te saúdo,
E, de mãos postas, em sentida prece,
Canto teus olhos de oiro e de veludo.

Ah, esse verso imenso de ansiedade,
Esse verso de amor que te fizesse
Ser eterno por toda a Eternidade!...

O poema inicia-se com uma invocação, “Ó meu Deus, ó meu dono, ó meu senhor”, a semelhança de um discurso religioso, contudo, a súplica proferida pelo eu lírico feminino não é destinada ao Deus, propriamente dito, mas a um ser masculino, objeto do seu amor, a quem ela tem como o Onipotente e, por isso, se prostra diante dele como uma escrava. Os três epítetos “Deus”, “dono” e “senhor”, utilizados para fazer referência a esse “tu divino” demonstram o poder do ser amado sobre o eu lírico.

Os versos seguintes apresentam uma verdadeira adoração, em que se sobressai a sensualidade por meio das expressões “minha boca a palpitar”, “minhas mãos tontas de amor” que denotam sentimentos e atitudes de desejo. No entanto, é interessante observar, o modo como o eu lírico delinea sua relação de submissão ao ser amado. A poetisa refere-se a ele como se ambos estivessem fundidos, numa tentativa de transformar-se no ser amado, ou então, transformá-lo em si própria. Há um tom narcisístico como se o ser amado fosse uma projeção, ou melhor, prolongamento do eu lírico feminino como é possível depreender através das expressões “olhar do meu olhar”, “fala da minha boca” e “gestos da minha mão”. Embora a voz feminina chame, no primeiro verso, o ser amado de seu Deus e senhor, de quem é submissa, ela apresenta-se, em uma atitude paradoxal, como parte do outro, ou melhor, o outro como parte

dela numa tentativa desesperada de chamar a atenção e ser notada, mais do que isso, ela deseja mostrar que o outro, também, é dependente dela, numa ânsia de ser reconhecida e amada.

Na segunda estrofe, volta-se a venerar o amado, numa atitude de reconhecimento da sua soberania e divindade através da aclamação: “que te seja propício o astro e a flor / Que a teus pés se incline a terra e o mar / Pelos séculos dos séculos sem par”. Deste modo, numa atitude de transgressão, o eu lírico se apossa do tradicional discurso religioso em que a natureza se dobra aos pés de Deus para exaltar altivez do ser amado que, como vimos, aqui é comparado a Ele. Tal atitude consolida-se na terceira estrofe.

Se na estrofe anterior o eu lírico feminino apresenta as atitudes da natureza perante Deus, agora, expõe as suas ações como mulher. Logo no primeiro verso, apresenta-se como ser dócil, humilde e escravo numa atitude que comprova uma absoluta passividade e subserviência feminina. Posteriormente, faz uso do verbo “saudar” manifestando o seu respeito e adesão ao amado, seguido por ações que denotam adoração “mãos postas” e sofrimento “sentida prece” numa atitude de exaltação e reconhecimento da soberania desse homem que, além de ser seu “Deus”, “senhor” e “dono”, torna-se, também, seu “rei” como fica subentendido no último verso “Canto teus olhos de oiro e de veludo”.

Depreende-se desses versos uma mulher totalmente submissa à figura masculina. No entanto, na última estrofe, a poetisa manipula esse sentimento de inferioridade, pois embora confesse a necessidade do amor masculino e submeta-se a ele, não o faz sem atribuir, também, a dependência do ser amado a ela como fica evidenciado nos dois últimos versos do poema. Apesar de esse homem ser “deus” como ela proclamou; somente através dos seus poemas ele será eternizado: “Esse verso de amor que te fizesse / Ser eterno por toda a Eternidade!”.

Assim, como no poema “Fanatismo”, o poema “Escrava” depreende uma mulher que se coloca numa posição inferior ao homem, prostrando-se como ser dócil, obediente e passivo. No entanto, uma leitura mais aprofundada depreende certo engenho na tentativa de firmar sua importância como mulher e questionar essa total soberania masculina, numa atitude de inconformidade em relação à posição da mulher na sociedade. Sobre essa atitude de Florbela Espanca, afirma Maria Lúcia Dal Farra:

Claro está que a inferioridade ou a superioridade feminina, resultantes desse jogo, se dispõem *conforme* ela mobilize o seu caleidoscópio poético... Mas até da submissão Florbela se prevalece, albergando nela a outra face do conformismo! Os poemas atestam que *apenas* através dos seus “versos”, da sua força, da sua vontade, dos seus dotes femininos, enfim, da sua criação literária, que o amado se capita a ser... divino, já que é ele que *emana* dela – a demiurga! - Como “prolongamento”... poético seu! [...] É, portanto, *a arte poética* dessa mulher,

revertendo em bem, em força produtiva, as vicissitudes negativas da condição feminina [...]. (1999, p. 42, grifos da autora).

Sendo assim, como ressalta a estudiosa, Florbela Espanca maneja seus poemas de modo que o homem amado seja, também, dependente do eu lírico feminino amenizando assim a posição submissa da mulher.

Considerações finais

O amor confirma-se como o grande tema da poesia de Florbela Espanca, para expressá-lo de modo condizente com sentimento vivenciado pela mulher. A poetisa adentra em um território predominantemente masculino e, de forma corajosa, enfrenta a sociedade machista e preconceituosa invertendo a posição feminina consolidada pela tradição literária portuguesa. A mulher, que antes era exaltada e venerada à moda do amor cortês nos sonetos, passa a exprimir de modo audacioso seus sentimentos e desejos.

Com base nessa premissa, verificaram-se dois modos de amar e de representar a mulher. De um lado, nos poemas “Inconstância” e “Ambiciosa”, presencia-se a mulher senhora de si e inconstante que idealiza um amor perfeito e um homem-deus e, por isso, nunca se realiza plenamente no amor, contudo, não desiste de procurar o homem amado vivenciando diversos amores e reconhecendo-se como ser que almeja mais do que pode ter. Por outro, nos poemas “Fanatismo” e “Escrava”, o desejo de ser amada ocasiona uma entrega absoluta da mulher ao amor, em uma posição submissa à figura masculina, a quem é atribuída características celestiais.

Assim, conotando sentimentos ambíguos, o eu poemático na poesia de Florbela Espanca se prostra como mulher ativa que não tem receios de expressar publicamente seus sentimentos, comportando-se, em alguns momentos, como senhora que não se submete ao amor que a insatisfaz e, em outros, como escrava e dependente do amor.

Referências

- BESSA-LUÍS, Augustina. *Florbela Espanca: a vida e a obra*. 2. ed. Lisboa: Arcádia, 1979.
- ESPANCA, Florbela. *Poemas*. Maria Lúcia Dal Farra (org.). 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- GIAVARA, Suilei Monteiro. A poética *do espetáculo*: uma análise dos procedimentos dramáticos nos sonetos de Florbela Espanca. 2007. 107f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – Universidade Estadual Paulista.
- PAULO, Livia Miranda. A confluência entre o sagrado e o profano nas líricas garretianas e florbelianas. In: *Revista Anagrama: revista científica e interdisciplinar da graduação*. 5º ano, 2. ed. São Paulo: USP, dez.2011/fev.2012,p.1-8. Disponível em <http://www.revistas.univerciencia.org/index>. Acesso em: 20 jun. 2012.

- RÉGIO, José. Estudo crítico. In: ESPANCA, Florbela. *Sonetos*. 19 ed. Lisboa: Livraria Bertrand, 1981. p. 11 – 30.
- SILVA, Cleonice Nascimento da. *A busca da Identidade feminina na poesia de Gilka Machado e Florbela Espanca*. 2003. 205f, 2 v. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2003.
- SILVA, Zina M. Bellodi da. *Florbela Espanca: discurso do outro e imagem de si*. 1987. 313f. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura) – Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1987.